

não precisa copiar

# Artes Plásticas

**E**M outubro do ano passado publiquei aqui artigo dando conta da atividade e do pensamento recentes de Almir Mavignier — este brasileiro que em 1951 partiu para a Alemanha e desde então lá se encontra, desenvolvendo trabalho como pintor e artista gráfico de amplo reconhecimento internacional. Volto a focalizá-lo hoje, depois que recebi carta sua, de Hamburgo, onde se fixou de algum tempo para cá, inclusive como professor. É que nas vizinhanças da abertura da mostra *O Projeto Construtivo Brasileiro em Arte, 1950-1962*, logo ao iniciar-se junho, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, e de sua transferência em julho para o MAM carioca, essa carta de Mavignier e o material que enviou anexo assumem interesse e oportunidade especiais. Como se sabe, ele foi um dos pioneiros da absorção da linguagem construtivista entre nós, na passagem da década de 40 para a de 50, ao lado de Ivan Serpa, Mary Vieira e Abraham Palatnik, no Rio, ou de Waldemar Cordeiro e Geraldo de Barros, em São Paulo.

O primeiro ponto da carta diz respeito exatamente àquele momento. Tendo recebido há pouco da família, no Rio, material relativo ao seu passado como pintor no Brasil, de 1946 a 1951, o contato com fotos de quadros, catálogos e artigos, de longa data esquecidos, levou Mavignier a reconsiderar a cronologia do desenvolvimento de seu trabalho, de modo a situar precisamente a contribuição sua, de Serpa e Palatnik, ao lado ou sob impulso das idéias de Mário Pedrosa, no surgimento das primeiras obras de arte concreta no Rio. Ao mesmo tempo, através desses catálogos e de um recibo de participação na II Bienal de São Paulo (1953), ele descobriu que pelo menos 20 ou até 25 de suas pinturas da época, provavelmente não assinadas, estão perdidas ou escondidas em algum canto do país.

Escreve Mavignier: "A maior surpresa foi o catálogo da minha exposição no MAM de São Paulo, em 1951, e o recibo da Bienal paulista. Ambos acusaram a existência de pinturas que me pertencem e que não se encontram hoje em meu poder. A única conclusão a que cheguei foi que esses trabalhos, por motivos que desconheço, permaneceram nos acervos das respectivas instituições ou, então, se extraviaram. A existência dessas pinturas acabou mergulhando no subconsciente, resistindo às quatro viagens que fiz depois ao Brasil, quando não me ocorreu o acaso de descobrir os documentos que me chegaram recentemente às mãos". Remetendo-me cópias das fotos de algumas das pinturas perdidas (15 quadros expostos no MAM paulista, cinco enviados para a Bienal de 1953 e, provavelmente, outros cinco de sua participação na primeira Bienal em 1951), Mavignier me pede que as publique, na tentativa de identificá-las e re-



Uma foto histórica, feita por Palatnik em 1951: da esquerda para a direita, o poeta baiano José da Motta e Silva, Almir Mavignier, Ivan Serpa e Geraldo de Barros

## QUADROS PERDIDOS. FAVOR DEVOLVER.

Roberto Pontual

cuperá-las. "O que me encoraja a fazer-lhe este pedido é a certeza de que não se trata apenas de um interesse pessoal, senão de obras que pertencem a um passado de arte concreta no Brasil".

Preocupado em estabelecer a cronologia mais precisa possível daquele importante momento da arte brasileira contemporânea, Mavignier aproveita a oportunidade dos novos dados recolhidos para sugerir sinteticamente um panorama do trabalho do que ele resolveu chamar agora de *grupo forma*. "Proponho a denominação de *forma* a fim de identificar o grupo de três pintores — Almir Mavignier, Ivan Serpa e Abraham Palatnik — que, baseados na *Gestaltheorie* (Teoria da Forma), produziu as primeiras obras de pintura concreta, realizadas a partir de 1949 no Rio de Janeiro". O ponto básico para esse desenvolvimento foi registrado por Mavignier: "A tese que Mário Pedrosa defendeu para a cadeira de História da Arte da Faculdade Nacional de Arquitetura do Rio de Janeiro" — *Da Natureza Afetiva da Forma na Obra de Arte* — "transmitiu a mim, a Serpa e a Palatnik a certeza de que o conteúdo de uma forma se encontra em seu próprio caráter, e não na sua associação com figuras da natureza."

O testemunho cronológico de Mavignier é tão oportuno (inclusive por vir em paralelo com a atual exposição de Palatnik na Galeria Bonino), que o transcrevo a seguir, integralmente. "1949 / Primeira aquarela concreta de Mavignier. Primeiros aparelhos de pintura luminosa de Palatnik, por ele denominados de *cinetomáticos*. 1950 / Primeira exposição de Mavignier, inaugurada a 17 de novembro no Instituto dos Arquitetos do Brasil, no Rio de Janeiro; catálogo desenhado por Santa Rosa, prefácio escrito por Mário Pedrosa; a lista dos trabalhos informa

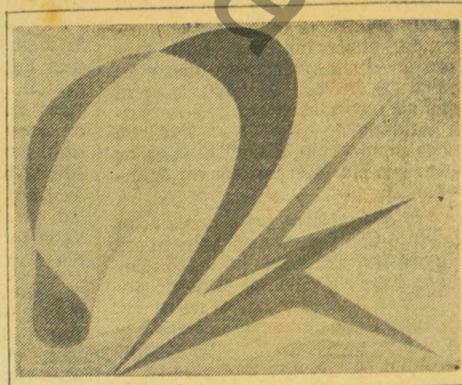
sobre 16 obras naturalistas e 10 concretas, entre as quais oito óleos e duas aquarelas. Serpa e Palatnik pintam dentro de uma pesquisa concreta. Palatnik programa as seqüências dos movimentos e das transparências luminosas de formas e de cores nos *cinetomáticos*.

1951 — Segunda exposição de Mavignier, inaugurada a 24 de agosto no Museu de Arte Moderna de São Paulo; catálogo com prefácio de Mário Pedrosa; a lista apresenta os quadros sob o nome de *formas*, oito realizados em 1950 e sete em 1951. Palatnik apresenta os *cinetomáticos* no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em seção especial para críticos e artistas, a fim de preparar a sua inclusão na Bienal. Nesta, eles não foram incluídos nas seções de pintura ou de escultura e não puderam concorrer aos prêmios oficiais. Participação de Serpa e Mavignier, com pinturas, na I Bienal de São Paulo, à qual Palatnik compareceu com os *cinetomáticos*, recebendo uma menção especial do júri internacional. Mavignier parte em novembro para a Europa.

Há que se esperar, portanto, com otimismo, a recuperação dos quadros desaparecidos de Mavignier. Mesmo que, na perspectiva de sua obra mais recente, eles saiam perdendo em qualidade, frutos que são de um começo de carreira, dispõem sem dúvida, compensatoriamente, de uma importância histórica que se acrescenta hoje da retomada de interesse pelos passos do projeto construtivo brasileiro em arte. A volta da atenção até a década de 50, entre nós, está felizmente isenta de maiores doses de nostalgia, porque aquela época prossegue fertilizando a atualidade, e seu conhecimento profundo só pode nos ajudar a conhecer e compreender boa parcela do que estamos produzindo hoje.



Três das pinturas desaparecidas de Mavignier: o Retrato de Ivan Serpa (1948), uma Composição em Curvas (1949) e Formas (1951)



## Televisão

VIVA O

própria natureza do gênero. A pedra bateu na água e fez círculos concêntricos. Assim, não vemos notícias hoje na televisão...

da palavra, que nunca precisou de rostinho bonito para levar o público...